

## A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS PARA A ATUAL ESTRUTURA PRODUTIVA AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE RIO VERDE-GO\*

Ederval Everson BATISTA\*\*

José Sampaio de MATTOS JUNIOR\*\*\*

**Resumo:** Este artigo foi elaborado a partir de reflexões do trabalho de campo realizado no município de Rio Verde, no Estado de Goiás, na disciplina Estrutura Produtiva Agrícola e Dinâmica Regional. Num primeiro momento foram discutidas questões que abordavam a passagem do complexo rural para o agroindustrial, a integração do espaço regional à economia nacional e a atuação do Estado no processo de desenvolvimento brasileiro. Em seguida, se analisou como os investimentos realizados pelo setor público federal, a partir da década de 1970 principalmente, e, mais recentemente, pelas outras esferas do poder executivo propiciaram uma mudança na estrutura produtiva agrícola através da produção de grãos, não só no município de Rio Verde, como no Sudoeste Goiano. Durante o trabalho foram realizadas visitas em indústrias, empresas, fazendas altamente produtivas, associações comerciais e industriais de Rio Verde e também em instituições de ensino. Chegou-se à conclusão de que a organização do setor e a territorialização de uma estrutura produtiva passam pelo conjunto de fatores que evidenciam a união de forças políticas, empresariais e acadêmicas.

**Palavras-chave:** complexo agroindustrial; estrutura produtiva; modernização.

**Resumen:** Este artículo fue preparado a partir de las reflexiones sobre el trabajo de campo hecho en el municipio de Rio Verde, ubicado en el estado de Goiás, sobre la estructura productiva agrícola y la dinámica regional de ese municipio. En un primer momento, fueron discutidas cuestiones acerca del pasaje del complejo rural al agroindustrial, la integración del espacio regional a la economía nacional y la actuación del Estado en el proceso de desarrollo brasileño. A continuación, analizamos como las inversiones hechas por el poder público federal, mayormente a partir de la década de 1970, y por otros ámbitos del poder ejecutivo, más recientemente, favorecieron un cambio en la estructura productiva agrícola a través de la producción de granos, no sólo en el municipio de Rio Verde, sino también en el sudoeste del Estado de Goiás. En el campo, fueron visitadas industrias, empresas, haciendas extremadamente productivas, asociaciones comerciales e industriales de Rio Verde y también instituciones de enseñanza. Llegamos, al fin, a la conclusión de que la organización del sector y la territorialización de una estructura productiva pasan ambos por el conjunto de factores que evidencian la unión de fuerzas políticas, empresariales y académicas.

**Palabras clave:** complejo agroindustrial; estructura productiva ; modernización.

**Résumé:** Cet article a été préparé à partir des réflexions d'un travail de champ réalisé dans la municipalité de Rio Verde, situé dans l'État de Goiás, sur la structure productive agricole et la dynamique régionale de cette municipalité. Dans un premier moment, certaines questions par rapport la passage du complexe rural à l'agroindustriel, l'intégration de l'espace régional à l'économie nationale et l'action de l'État dans le processus de développement brésilien ont été discuté. En suite, nous avons analysé comment les investissements faits par le pouvoir public fédéral, surtout à partir des années 1970, et par les autres niveaux du pouvoir exécutif, plus récemment, ont favorisé un changement dans la structure productive agricole à travers la production de grains dans la municipalité de Rio Verde, mais aussi dans le sud-west de l'État de Goiás. Pendant la visite, nous avons parcouru des industries, des entreprises, des fermes très productives, des associations commerciales et industrielles de Rio Verde et aussi des institutions d'enseignement. À la fin, nous avons conclu que l'organisation du secteur et la territorialisation d'une structure productive passent par l'ensemble de facteurs qui rendent évident l'union de forces politiques, des entreprises et des universités.

**Mots-clés:** complexe agroindustriel; structure productive; modernisation.

---

\* Este artigo origina-se de discussões e sistematização das atividades de campo, realizadas no Município de Rio Verde, pela disciplina Estrutura Produtiva Agrícola e Dinâmica Regional.

\*\* Doutorando em Geografia pela UNESP, *campus* de Presidente Prudente. edervaled@bol.com.br.

\*\*\* Doutorando em Geografia pela UNESP, *campus* de Presidente Prudente. Professor da Universidade Estadual do Maranhão. sampaio.uema@bol.com.br.

## 1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o principal procedimento para a expansão do conhecimento sobre a superfície terrestre ou sobre outros espaços ou escalas geográficas era por meio de viagens, que também acabaram servindo para “descobrir” novos territórios. Nessas viagens, no entanto era preciso colocar os pés em terra firme para poder conhecê-la.

Tanto no passado como atualmente, a ida a campo ou o trabalho de campo é de fundamental importância para a concretização de experiências capazes de promover a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e a representação e, principalmente, a análise do que foi visto. O trabalho de campo pode, então, ser entendido como uma técnica para a realização do estudo do meio e também como indispensável para o conhecimento da realidade. No entanto, faz-se necessário saber observar a paisagem e não apenas só contemplar o panorama. É preciso extrair o sentido geográfico da mesma.

Dessa forma, para que ocorresse a compreensão de uma das muitas realidades estudadas na disciplina Estrutura Produtiva Agrícola e Dinâmica Regional, é que foi proposto o trabalho de campo no município de Rio Verde, no estado de Goiás.

O local escolhido deve-se ao fato do município apresentar uma grande dinamização econômica com a produção de grãos, principalmente a partir da década de 1970 com o incentivo de políticas públicas para a região Centro-Oeste. Isso possibilitou a implantação de indústrias que acabaram propiciando uma nova dinâmica regional no sudoeste goiano. Também foram desenvolvidos vários estudos para a compreensão da territorialização dos empreendimentos e as preocupações ambientais que surgem com o avanço da monocultura e o complexo aviário implantado na região.

Foram as discussões dos textos e, posteriormente, a visita às indústrias, fazendas, cooperativas e instituições de ensino do município de Rio Verde que permitiram a reflexão que será socializada através deste texto.

## 2. PRESIDENTE PRUDENTE-SP E RIO VERDE-GO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA ESTRUTURAÇÃO DA PAISAGEM

Para descrever as mudanças ocorridas na paisagem durante o trajeto de Presidente Prudente, no estado de São Paulo, até Rio Verde, no estado de Goiás, faz-se necessário relatar o percurso e a mudanças oriundas da percepção e da observação feitas durante o trajeto pelas rodovias.

Partiu-se de Presidente Prudente pela rodovia SP 270 (Raposos Tavares). Essa região é caracterizada pelas pastagens degradadas e, conseqüentemente pela pecuária extensiva, o que indica também o predomínio da grande propriedade. Seguiu-se até o Município de Presidente Venceslau onde se mudou de direção, pegando a rodovia SP 563.

Durante o trajeto pela SP 563, próximo ao município de Dracena, notou-se a presença da cana-de-açúcar já plantada em extensas áreas para servir de matéria prima à Usina Dracena Açúcar e Álcool Ltda., denotando novas formas de territorialidades do capital.

No município de Andradina entrou-se na rodovia SP 300, também conhecida como Marechal Rondon, observando-se a presença da pecuária e dessa forma, a paisagem novamente volta a ter predominância da pastagem.

Na rodovia SP 585, com destino à Ilha Solteira, a paisagem é a mesma. Interessante foi encontrar bem próximo à sede do município, um acampamento de trabalhadores rurais sem terra, fato este que evidencia a luta pela terra e a contínua presença do latifúndio.

Entrando no Mato Grosso do Sul, tomou-se a BR 158, rodovia que estava em reparos. A paisagem é uniforme nos municípios de Selvíria, Aparecida do Taboado e Paranaíba, percebendo-se somente a presença de pastagens e de gado e de placas indicando o nome das fazendas. É importante salientar que tanto em terras paulistas como sul mato-grossenses a presença de áreas com matas foi pouco observada, limitando-se apenas às proximidades de áreas úmidas.

Próximo à cidade de Cassilândia, seguiu-se para uma rodovia que dava acesso ao estado de Goiás. A partir de Itajá, primeiro município goiano, seguiu-se pela GO 184, rodovia que está em péssimo estado de conservação, com trechos onde já não há mais asfalto.

Em outros municípios goianos como Itarumã, Caçu e Quirinópolis, também pode ser notada a presença marcante da grande propriedade que possui a pecuária extensiva como principal fonte de renda. Percebe-se que uma grande parte das terras ainda está coberta por matas (Quadro 1).

Mudança significativa pode ser percebida quando se deixou a GO 184 e entrou-se na BR 482, já com destino direto a Rio Verde. A partir deste ponto como já se está dentro do raio de ação da Perdigão, as lavouras “safrinhas” de milho, milheto e sorgo são mais comuns. Essas áreas, certamente, na cultura de verão são ocupadas com a soja.

Também começaram a surgir no horizonte pequenos pontos brancos, correspondendo as granjas de integração da Perdigão.

**QUADRO 1**– Uso e ocupação do solo nos municípios percorridos em Goiás

Municípios	Número de estabelecimentos	Área total Ha	Pastagens Ha	Lavouras Ha	Matas Ha
Rio Verde	2.231	714.522	389.128	213.154	111.240
Caçu	422	145.702	124.997	1.307	19.398
Itajá	301	213.872	175.161	2.174	36.537
Itarumã	521	324.814	269.493	2.534	52.787
Quirinópolis	1.837	334.576	274.576	26.389	33.611

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995/96

Quanto mais próximo da cidade de Rio Verde, mais era perceptível a mudança na paisagem, agora caracterizada por uma diversificação. De uma paisagem que se perdia de vista, somente com pastagens durante quase todo o trajeto, mudou-se radicalmente para outra paisagem, mais diversificada, com novos tons de cores, dependendo da cultura plantada.

Como a topografia do cerrado facilitava a visão, extensas plantações podiam ser observadas. Como a estrutura fundiária é caracterizada pela grande propriedade, grandes são as áreas plantadas. Isto pelo menos foi o que pode ser percebido nos locais.

As pastagens também podem estar cedendo espaço para a cana-de-açúcar, pois já existe uma usina e as áreas plantadas tendem a aumentar, pois, segundo dados do próprio Ministério da Agricultura, os atuais três milhões de hectares ocupados com cana-de-açúcar tendem a ocupar nove milhões num prazo de 10 anos. Esse percentual deve sair dos atuais 180 milhões de hectares ocupados pelas pastagens no Brasil. Esse primeiro momento de descrição do percurso torna-se importante à medida que não se percebe uma mudança expressiva na estrutura fundiária.

O que se observou durante o trajeto foi a mudança da pastagem para a produção de grãos, conservando a estrutura fundiária e uma diferenciação na infra-estrutura produtiva em relação ao escoamento da produção. No Oeste paulista, contrastando com a paisagem degradada da pecuária extensiva, rodovias com bom estado de conservação e, no Sudoeste Goiano, contrastando com o alto padrão tecnológico empregado na produção de grãos, estradas em péssimo estado de conservação. Pode-se perceber que a substituição da pecuária pela cana no oeste paulista será questão de tempo, pela própria infra-estrutura encontrada, bem como pelo modelo de pecuária extensiva.

No caso de Rio Verde, os fatores limitantes para a entrada da cana são a estrutura montada para o beneficiamento da soja e um complexo aviário que depende exclusivamente da produção de grãos, além, é claro, da postura da prefeitura municipal de Rio Verde que limitou em 10% a ocupação da cana-de-açúcar na área total do município.

### 3. A PRODUÇÃO DE GRÃOS E A DINÂMICA DA ESTRUTURA PRODUTIVA AGRÍCOLA NO MUNICÍPIO DE RIO VERDE-GO

O município de Rio Verde está localizado na microrregião Sudoeste do Estado de Goiás, a 220 km da capital, Goiânia. Suas coordenadas são: latitude (S) – 17° 47' 53" e longitude (W) – 51° 55' 53". Sua topografia é plana, levemente ondulada, com altitude média de 748 m. O clima apresenta duas estações bem definidas: uma seca (de maio a outubro) e outra chuvosa (novembro a abril). A temperatura média anual varia entre 20°C e 35°C. A vegetação é constituída de cerrado e matas residuais. Seu solo é do tipo latossolo vermelho escuro com textura argilosa e areno-argilosa<sup>1</sup>.

Esse breve histórico possibilitará a compreensão da implantação de grandes projetos agrícolas na região. No início do século XIX a quase totalidade do que hoje é o Estado de Goiás era ainda constituída de muitos espaços vazios e de latifúndios improdutivos. A primeira família desbravadora a chegar às terras que constitui o município de Rio Verde foi a de José Rodrigues de Mendonça, paulista de Casa Branca que tomou posse de terras localizadas às margens do rio São Tomás. Segundo GONÇALVES (2003), desde o início, o regime de apossamento de terras na zona sudoeste foi livre e permitiu a delimitação de grandes fazendas de criação extensiva de bovinos, tendo a terra ocupada na região dois tipos de uso: reserva de valor e exploração da pecuária extensiva.

É importante frisar que o povoamento do Estado se consolidou com o descobrimento de minas de ouro no século XVIII de forma irregular e só ao final do século XVIII vão se verificar áreas de pecuária e agricultura:

Ao término do século XVIII, Goiás se apresentava como área de pecuária e de agricultura de subsistência, com baixa articulação com os centros mais desenvolvidos e quase nenhuma integração econômica interna. A inexistência de articulação intra-regional, pois desde a origem não há unidade entre suas porções norte-sul, exprime a artificialidade da divisão político-administrativa criada com o sistema de capitânias (GONÇALVES, 2003, p. 214).

Já na década de 1960, a região Centro-Oeste era considerada uma fronteira agrícola, pois apenas parte de seu território era utilizado para a produção agrícola, valendo-se primordialmente dos fatores terra e trabalhos empregados quase que somente na pecuária e na cultura do arroz, com reduzida utilização de capital e com baixa articulação em nível nacional, até a construção de Brasília:

Nas décadas de 1950 e 1960, a construção de Brasília e a implantação de rodovias interligando a nova capital federal a diferentes pontos do país, propiciaram uma melhor articulação entre a região e o restante do país (HESPANHOL, 2000, p. 07).

As mudanças ocorridas na base técnica foram relevantes para a reorganização regional principalmente com a introdução de inovações oriundas do processo de industrialização da agricultura diminuindo a importância dos fatores naturais:

Convém ressaltar que o princípio da vantagem natural não é suficiente para explicar o avanço da soja no cerrado, ainda que este apresente algumas condições naturais favoráveis. O solo do cerrado é pobre e necessita de investimentos para ser corrigido. De modo que o domínio da natureza pelo capital se intensificou através da irrigação, adubação, utilização de máquinas etc. (BERNARDES, 2005, p. 336).

Essa articulação não favoreceu os pequenos produtores rurais, no entanto, contribuiu para a consolidação da grande propriedade aliada a uma modernização da base técnica, não se diferenciando da região sul e sudeste e se tornando o centro da produção de grãos:

<sup>1</sup> Dados conseguidos no Site: [www.rioverdegoias.com.br](http://www.rioverdegoias.com.br).

O caráter heterogêneo da agricultura brasileira – do ponto de vista técnico, social e regional – foi preservado, e até mesmo aprofundando nesse processo de modernização. Em certo sentido pode-se visualizar nele um pacto agrário modernizante e conservador, que, em simultâneo a integração técnica da indústria com a agricultura, trouxe a inda para seu abrigo as oligarquias rurais ligadas à grande propriedade territorial e ao capital comercial (DELGADO, 1997, p. 219).

O sudoeste goiano despontou no processo de criação extensiva de gado bem como na produção de grãos, ampliando a sua participação em relação à tecnificação da produção, atraindo investimentos e caminhando para o reconhecimento nacional:

Podemos observar que o Sudoeste apresentou diferenciadas etapas na formação econômica. Primeiro, a exploração da pecuária extensiva que vai da ocupação até o fim do século XX. Em seguida, começa a destacar-se no cenário goiano pela produção de arroz, milho e feijão. Nas últimas décadas, com a incorporação de tecnologias avançada no campo, angariou o troféu de sede dos mais diversificados produtores agropecuários do Estado (GONÇALVES, 2003, p. 219).

Considera-se importante frisar que esse fortalecimento do setor agrícola com base na produção em larga escala no Estado de Goiás é fruto da modernização conservadora que se manifesta intensamente na década de 1970, propiciando a integração da agricultura com a indústria e estabelecendo as bases para o surgimento do agronegócio:

Este processo de modernização técnica – da agricultura e integração com a indústria, é caracterizado por “um lado pela mudança na base técnica nos meios de produção utilizados pela agricultura, materializada na presença crescente de insumos industriais (fertilizantes, defensivos, corretivos do solo, sementes melhoradas e combustíveis líquidos, etc.); e máquinas industriais (tratores, colheitadeiras, implementos, equipamentos de irrigação, etc.). De outro lado, ocorre uma integração de grau variável entre a produção primária de alimentos e matérias primas e vários ramos industriais (oleaginosas, moinhos, indústrias de cana e álcool, papel e papelão, fumo, têxtil, bebidas, etc.)”. Estes blocos de capital irão constituir mais adiante (ver seção 5) a chamada estratégia do agronegócio, que vem crescentemente dominando a política agrícola do Estado (DELGADO, 2005, p. 33).

A conseqüência inevitável diante do modelo proposto foi, a partir da década de 1970, o avanço da soja em substituição ao arroz no cerrado, atraindo agricultores de São Paulo e da região sul, estes últimos já com tradição na cultura da soja, trazendo consigo maquinários, tecnologia, recursos e experiências que transformaram a região:

As vastas áreas de cerrados da porção central do território nacional transformaram-se num curto espaço de tempo em importantes zonas produtoras de grãos do país destacando-se a expressiva expansão da produção de soja realizada por grandes produtores provenientes principalmente da Região Sul (HESPANHOL, 2000, p. 15).

A região Centro-Oeste tornou-se desta forma grande produtora de grãos. Assim como em outras regiões brasileiras precisou-se de políticas públicas para viabilizar sua execução. Um importante programa de desenvolvimento regional foi PRODOESTE,<sup>2</sup> que produziu profundas mudanças na configuração espacial da Região Centro-Oeste (Figura 1).

---

<sup>2</sup> Programa de Desenvolvimento dos Cerrados. Os principais objetivos a serem alcançados seria integrar as áreas do cerrado ao processo produtivo, através de técnicas modernas (adubação, mecanização e calagem). Foi desenvolvido nos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul.



Fonte: IBGE-2006

**FIGURA 1 – Mapa do Brasil**

A esse respeito, Hespanhol (2000, p. 15) afirma que:

A primeira fase se estende do final dos anos 1960 até meados dos anos 1970, a qual é caracterizada pelo esforço da pesquisa em desenvolver sementes de soja adaptadas às condições edafoclimáticas do cerrado e da melhoria da infra-estrutura através do Programa de Corredores de Exportação do Governo Federal e do Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste (PRODOESTE), ambos lançados no ano de 1971.

Um fator importante que contribuiu para que ocorresse a diversificação agrícola com a introdução do cultivo da soja em Rio Verde foi a chegada, em 1969, de um grupo de religiosos americanos. Pertencentes à comunidade menonita, tinham o objetivo de se fixarem no Brasil e, realizando algumas expedições buscando um local para se instalarem, encontraram um lote à venda em Rio Verde. Apesar de localizar-se na região Centro-Oeste, a altitude de Rio Verde a torna um local com clima agradável, fato este determinante para a escolha dos menonitas, acostumados com temperaturas mais baixas em seu país (Figura 1).

Os menonitas foram os primeiros a plantarem soja no município de Rio Verde. No ano de 1971, plantaram 15 ha. Como o comércio local não conhecia tal planta, tiveram dificuldades em comercializar sua produção.

Como a área do município de Rio Verde é grande, 8.415,40 Km<sup>2</sup>, o que representa 0,098% do território nacional, a importância da primeira atividade econômica do município é ainda relevante para a economia local (Figura 2).

O rebanho conta com 325 mil animais, dividido em gado de corte e leiteiro. A cidade possui um frigorífico (Frigorífico Margem) que abate 700 cabeças/dia. No ano de 2005, segundo dados do IBGE e da própria prefeitura municipal de Rio Verde, a produção de leite foi de 52 milhões de litros. Fica comprovado que a atividade pecuária continua sendo importante para a região.



Fonte: <<http://www.guianet.com.br/go/mapago.htm>>. Acesso: 15 de Junho de 2007.

**FIGURA 2 – Localização do município de Rio Verde em GO**

A diversificação da produção de grãos, que se tornou o carro-chefe da agricultura no município, é fruto de uma forte articulação técnica e política que envolveu secretarias de Estado e institutos de pesquisas de acordo com Hespanhol (2000, p 15)

Além da melhoria da infra-estrutura, sobretudo no que diz respeito a construção e pavimentação de estradas, deve-se destacar que desde o início da década de 1970, as Secretarias de Agricultura do Centro-Oeste e algumas Instituições de Pesquisa como o Instituto de pesquisa Agropecuária do Oeste (IPEO), o Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro-Oeste (IPEACO), a fundação Zoobotânica de Brasília, a Universidade Nacional de Brasília (UNB) e mais tarde (a partir de 1974) a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), passaram a investir em pesquisas destinadas ao fomento e a viabilização da agricultura moderna nas zonas de cerrado.

A produção agrícola do município destacou-se evidenciando a área da soja e do milho e suas respectivas produtividades em relação aos demais produtos, como pode ser verificado (Quadro 2). A área do arroz, algodão e feijão correspondem a 3,19% da área plantada em 2005, o que leva a refletir sobre o peso da agroindústria da avicultura de corte.

O quadro 3 demonstra o quadro evolutivo da produção da soja no município de Rio Verde que, sozinho, passa a ser responsável por 1% da produção nacional de grãos, impulsionada pela crescente demanda dos mercados internacionais. Esses números na agricultura de Rio Verde são resultados da utilização de tecnologia de ponta, mecanização de última geração, aliadas à profissionalização do produtor.

Essa estrutura pode ser verificada na Fazenda Brasilândia, que possui cinco mil ha, sendo três mil da própria propriedade e os outros dois mil arrendados. A área de soja da última safra foi de quatro mil ha e mil ha de milho. Para colocar essa estrutura para funcionar dentro dos padrões aceitáveis com otimização, a fazenda possui dezessete empregados permanentes, mas durante a colheita tem a necessidade de mais treze trabalhadores temporários. Possui vinte tratores e doze

colheitadeiras considerados de última geração, além de oito caminhões. Os operadores dos tratores recebem treinamento anualmente do SENAI. A manutenção dos equipamentos é feita dentro do próprio estabelecimento mantendo seu parque de máquinas em perfeito estado de conservação. Essa estrutura sustenta o sistema de plantio direto em aproximadamente 90% das culturas de soja, milho, sorgo e girassol.

**QUADRO 2 – Principais produtos agrícolas (2005)**

Culturas temporárias	Área	Produção (t)	Produtividade (Kg/ha)
Arroz	4.500	4.500	1.000
Algodão	4.200	10.700	2.500
Feijão**	3.200	5.880	1.950
Milho**	31.000	132.000	5.300
Soja	265.000	715.500	2.700
Sorgo	65.000	97.000	1.500
Total	372.900	965.580	14.950

\*\* Safra e safrinha/ 1ª e 2ª safras

Fonte: IBGE/ Rio Verde – GO e Site [www.rioverdegoias.com.br](http://www.rioverdegoias.com.br).

**QUADRO 3 – Área plantada com a produção de soja**

Região Geográfica, Unidade da Federação	Ano			
	1990	1995	2000	2005
<b>Centro-Oeste</b>	3.894.482	4.554.047	5.537.597	10.882.566
<b>Goiás</b>	1.001.690	1.126.511	1.491.066	2.663.646
<b>Rio Verde - GO</b>	147.000	122.000	175.000	265.000

Fonte: IBGE Produção Agrícola Municipal

Tendo como exemplo essa estrutura, pode-se constatar porque a capacidade de armazenamento do município é superior a um milhão de toneladas. Há muitas empresas com grande capacidade armazenadora que também se instalaram no município e que estão esmagando a soja (Cargill, Grupo Brejeiro e Grupo Cereal), o que faz com que boa parte da produção seja beneficiada no próprio município, sem contar que, como a estrutura fundiária é baseada na grande propriedade, há em muitas fazendas silos próprios para armazenar a produção. Somente a fazenda Brasilândia possui dois silos com uma capacidade de armazenamento de 160 mil toneladas de grãos.

Com uma agricultura forte desenvolvida a partir de 1970, cada vez mais o município se torna atrativo para empresas e grandes indústrias, como é o caso da Perdigão, que visualizou no município de Rio Verde a estrutura produtiva necessária para a avicultura de corte, implantando um projeto denominado “PROJETO BURITI”.

A introdução da avicultura moderna no Centro-Oeste é resultado do aproveitamento dos principais insumos de sua produção, a soja (farelo) e o milho. Mas, para isso, foi preciso adequá-las às condições climáticas da Região, com elevadas temperaturas médias e amplitude térmica (FRANÇA, 2003, p. 193).

Verificou-se que no município implantou-se o mais moderno modelo de integração, baseado na redução dos custos de produção, logística e transação, na expansão da produção de insumos (soja e milho), culminando com a territorialização de médios, grandes produtores e o fortalecimento do complexo agroindustrial baseado na produção de grãos:

As principais características do novo modelo de integração são: alto nível de automação dos aviários; alto volume de aves confinadas por aviário/ produtor integrado; redução significativa no número de produtores integrados para cada



planta industrial e, portanto, do número de contratos estabelecidos pela firma agroindustrial integradora; produtores integrados de tipo médio ou grande decorrente da exigência de que os integrados tenham maior capacidade de alavancagem de financiamento em função do aumento significativo nos custos de instalação de novos aviários (seja pela maior automação, seja pela ampliação no tamanho do aviário); produtores melhor informados sobre o mercado; produtores que busquem alternativas de investimentos (melhor retorno do capital investido, e não simplesmente uma nova fonte de renda); uso predominante de mão-de-obra assalariada nos aviários; e re-espacialização das agroindústrias integradoras em função da necessidade de se localizar em regiões que tenham características fatores como concentração de um número significativo de produtores com maior capacidade de alavancagem e que queiram integrar, concessão de benefícios (incentivos) fiscais necessários para a redução dos riscos de possíveis perdas financeiras com o investimento, e oferta abundante de matérias-primas (milho e soja), de forma a ter acesso às mesmas em condições favorecidas (FRANÇA, 2003. p. 205).

Isso acabou contribuindo para a convergência de um grande número de brasileiros de todas as partes do país. Segundo dados do IBGE, a população do município já é de 134.211 habitantes, sendo que 91% residem na zona urbana e 9% na zona rural, reflexo da estrutura agrária na região.

É de suma importância evidenciar que a consolidação da estrutura produtiva atual está intimamente relacionada à criação da COMIGO (Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano Ltda.) que impulsionou o crescimento não só do município de Rio Verde, mas também da região como um todo. Segundo Gonçalves (2003, p. 247):

A COMIGO foi fundada em 1975, o mesmo ano em que começou a ser implantado o POLOCENTRO, maior programa de desenvolvimento regional efetivamente executado em Goiás, a partir dos anos 1975. Portanto, foi gerada no bojo da modernização do sudoeste goiano e contribuiu direta e indiretamente para o desenvolvimento da configuração territorial e espacial de Rio Verde.

Rio Verde, dessa forma, tornou-se o maior produtor de grãos do Estado e maior arrecadador de impostos sobre produtos agrícolas. A COMIGO, hoje, representa um bom exemplo do complexo-agroindustrial, uma vez que centraliza todas as etapas do processo produtivo. Está entre as 15 maiores cooperativas do Brasil, depende exclusivamente da soja com participação de 60% da soja transgênica além de ser referência de cotação dentro da região. Fabrica óleo de soja e a sua própria embalagem plástica, escoando a sua produção para os Estados do Pará, Tocantins, Minas Gerais, Maranhão e com grande aceitação no mercado interno.

Segundo o Sr. Paulo Junqueira, gerente da Cooperativa Mista de Goiás, a COMIGO tem atualmente, em seu quadro, em torno de 4.000 associados com os seguintes princípios universais: adesão voluntária é livre; participação econômica dos membros; gestão democrática pelos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e interesse pela comunidade. Além do atendimento produtivo aos membros, a COMIGO estende-se na comercialização de fertilizantes, na manufatura do algodão (desativada no momento); no esmagamento de soja; na armazenagem; nos laboratórios; em fábrica de rações; em refinaria de enlatamento; em manufatura de sabão; em laticínio e estação veterinária. A refinaria de enlatamento é totalmente automatizada. A Cooperativa instituiu o CTC – Centro Tecnológico Comigo que tem interesse na educação e formação dos membros.

Aliado a essa estrutura, o Sr. Fabio de Souza Pires, técnico de Segurança do Trabalho, acrescentou os seguintes departamentos:

1. Fábrica de adubos;
2. Algodoeira (desativada);
3. Descarregamento de Soja, as atividades de pré-limpeza, secagem, nova limpeza e armazenagem;

4. Gerador de energia – caldeira (utilizando a madeira do reflorestamento próprio), que tem proporcionado à COMIGO uma economia de energia em torno de 70% durante o dia e 100% durante a noite;
5. Fábrica de farelo de soja. Este setor representa 77% do faturamento bruto da parte industrial da empresa;
6. Óleo bruto, representando 20% do mesmo faturamento; e
7. Fábrica de sabão, representa 3% do referido faturamento, sendo utilizado como matéria-prima a borra gerada pelos itens 5 e 6. A fábrica de sabão produz 3.500 cx de 50 pedaços/dia.

Todo o processo produtivo dos itens acima é acompanhado e monitorado por um Sistema de Automação – T.I. – (*Siemens*), que controla todos os motores e máquinas e as maneiras como as máquinas têm que trabalhar. Controlam a velocidade, temperatura, níveis, porcentagem de soja e água.

No refino de óleo é usado processo tecnológico de automação italiano, em que se faz desde a garrafa *pet*, o envasamento do óleo, o processo de vedação da garrafa, o encaixotamento e o embarque nos caminhões. Produz duas marcas de óleo: Brasileiro e Comigo. O primeiro é vendido para o Norte e o Nordeste e o segundo para a própria região Centro-Oeste.

A Comigo tem sua frota de caminhões (20 carretas), mas contrata também caminhões de terceiros.

O Laticínio recebe o leite dos cooperados que possuem seus tanques resfriadores (unitários ou em grupos). O leite é analisado nas propriedades pelos teores de gordura e higienização. Pagam ao produtor R\$ 0,70 por litro de leite aprovado. Do leite bruto a maioria é vendida à Nestlé, Itambé e Paulista. No Laticínio é realizado o ensacamento do leite (50.000 lt/dia), o empacotamento da manteiga, do creme de leite, do requeijão e do iogurte (60% a 80% é vendido para Polengui), sendo “MIGO” a marca da cooperativa para os derivados do leite. Como se pode observar, a Cooperativa tem uma estrutura que não se contrapõe à dinâmica capitalista, apresentando uma orientação empresarial:

Na verdade a promulgação da lei 5.764 de dezembro de 1971 de orientação nitidamente empresarial inicia o período caracterizado como de “renovação das estruturas”, que enfatiza a primazia da qualidade sobre a quantidade, estimulando a fusão de cooperativas agrícolas isoladas e abrindo espaço para a integração vertical de cooperativas já assentadas sobre bases econômicas mais sólidas (SCHNEIDER, 1981, p. 15).

Ao longo dos anos verificou-se que várias indústrias foram se instalando no município em função da estrutura vigente, como indústria de papel e celulose e também a BRASILATA cujo principal objetivo era produzir latas para a COMIGO e que, com o fim do fornecimento de embalagens para a Cooperativa, intensificou a sua linha de produção para o atendimento de outros segmentos. Segundo o Senhor Divino, subgerente, e o Sr. Gleidson, técnico em Segurança do Trabalho, a empresa mantém 900 funcionários registrados (chamados de inventores) nas três unidades (GO, RS e SP), sendo em Rio Verde-Go 100 inventores. Todos os funcionários ao serem admitidos passam por 100 h de treinamento e também passam a colaborar com idéias para o aperfeiçoamento técnico da empresa.

O fortalecimento de um segmento empresarial dinamizou a economia local com a instalação de vários supermercados, lojas, restaurantes e um segmento hoteleiro, o que justificou a criação da ACIRV (Associação Comercial e Industrial de Rio verde) com 580 associados, representando 10% do empresariado local. Seu presidente atual é o Sr. Oduvaldo Lopes Ferreira, ele informou que, com a implantação das indústrias, após 1986, houve uma transformação muito grande com ações importantes para evidenciar Rio Verde no cenário nacional. Dentre elas estão:

- Fórum Permanente de Oportunidades, para impedir a evasão de recursos e as oportunidades dos empresários locais de investirem nos produtos e serviços demandados pelas indústrias locais (usinagem e precisão);

- Parcerias com instituições financeiras (conseguiram R\$ 60 milhões do B.Brasil);
- Qualificação de mão-de-obra;
- Incentivos fiscais com a união dos poderes públicos: federal, estadual e municipal.
- Utilização de o Projeto Empreender –SEBRAE.
- Planejamento para criação de Pólos como: T.I. (Tecnologia da Informação) – Softwares.

Pode-se destacar que outro ponto que contribuiu decisivamente para o fortalecimento da estrutura produtiva montada é o técnico-científico de instituições e de pesquisadores que desenvolvem trabalhos e analisam os impactos regionais, sociais, econômicos e ambientais dos empreendimentos. Como o CEFET, que apresenta na sua unidade áreas de bovinocultura, olericultura, suinocultura e avicultura de corte e, paralelamente, também tem uma integração com a Perdigão para o alojamento da avicultura de corte e suinocultura todas servindo como base para estudos e desenvolvimentos de pesquisas na área de zootecnia. Em relação aos pesquisadores, pode-se destacar o Professor Claudécir Gonçalves, que desenvolve estudos sobre o papel do Estado nas transformações da agricultura goiana, abordando as políticas de desenvolvimento regional adotadas pelo governo federal através do PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO (PND I e II). Na escala estadual promove uma discussão sobre os incentivos fiscais adotados através do FOMENTAR (Fundo de Participação e fomento à Industrialização do Estado de Goiás) através da Lei estadual 9.489/84 e, posteriormente, pelo PRODUIR (Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás), criado pela Lei Estadual 13.591/00, destacando a participação relevante das políticas públicas para o desenvolvimento do Complexo Agroindustrial no Sul Goiano e seus impactos nos Índices de Desenvolvimento Social e Índices de Desenvolvimento Econômico. No tocante às pesquisas sobre avicultura de corte evidencia-se o trabalho do prof. Levy Rei de França sobre a evolução da base técnica da Avicultura de Corte no Brasil (1930-2000) que faz uma abordagem da reestruturação produtiva da avicultura de corte em Rio Verde (GO) e Videira (SC), onde elaborou seu projeto de doutorado enfatizando a integração vertical e aprofundando a discussão sobre a tecnificação do setor, a agregação de valor ao produto e o risco de produção do produtor integrado.

Chamam atenção para a participação pública no desenvolvimento da avicultura de corte, a caracterização e diferenciação dos modelos de produção, a análise de competitividade dos dois modelos (Sul e Centro-Oeste) e a classificação dos produtores rurais de acordo com a carteira de crédito do Banco do Brasil, onde se considera a renda bruta agropecuária anual para acesso ao FUNDO CONSTITUCIONAL DO CENTRO-OESTE (FCO). A conclusão do pesquisador sobre o tema, com o modelo implantado no Centro-Oeste é que a territorialização do complexo só foi possível com as minimizações dos custos de produção, transação e logística.

No entanto em relação ao escoamento da produção, percebe-se que este ponto ainda é um problema a ser discutido. Na visão dos produtores rurais o custo Brasil se eleva na medida em que não se consegue priorizar políticas de recuperação de estradas que facilitem o transporte dos produtos aos principais portos e mercados consumidores.

Se a capacidade empresarial no complexo da soja está amplamente demonstrada, se os problemas de ordem tecnológica foram superados, o peso do custo do transporte na composição global de custos da soja e seus derivados afeta o sucesso da expansão, já que as condições de mobilidade entre centros de produção e consumo constituem um fator desfavorável à competitividade (BERNARDES, 2005, p. 353).

Percebe-se que houve uma conjunção de elementos e fatores que propiciaram a articulação política e técnica para a implantação e fortalecimento da estrutura produtiva atual com base na produção de grãos. Todavia, essas especificidades podem ser verificadas na região do Sudoeste Goiano, não representando a estrutura total do Estado.

Outro aspecto importante que mereceria destaque na pauta de discussões na região é o ambiental. Porém, tanto no meio empresarial quanto no acadêmico essa discussão se faz de forma tímida. Praticamente, os impactos ambientais provenientes da monocultura, da produção do esterco,

da avicultura e da intensificação do processo de mecanização são minimizados pelas relações econômicas que ocupam toda pauta de discussões, tanto no meio político, empresarial e acadêmico.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado em Rio Verde foi importante para a verificação *in loco* de como está se processando a ocupação da região Centro-Oeste, até pouco tempo atrás considerada uma região de fronteira agrícola, hoje, um espaço já ocupado de forma produtiva pelo capital.

Os pontos elencados foram de suma importância para a reflexão, podendo-se perceber uma mudança no padrão tecnológico. Aliado a esse fator, um conjunto de elementos identificados como a participação das políticas públicas através dos Créditos e financiamentos, o desenvolvimento de pesquisas sobre os impactos dos setores ligados aos complexos agroindustriais e a participação do setor empresarial representado pela associação comercial foram responsáveis pela atual estrutura da produção de grãos no município de Rio Verde.

Essa conjuntura beneficia os grandes grupos empresariais ligados ao esmagamento da soja e ao processamento de matérias-primas agrícolas, bem como um dos principais grupos empresariais ligados à produção de frangos e suínos, a Perdigão, que, mesmo tendo suas origens no estado de Santa Catarina, migrou para a região Centro-Oeste à procura de novas formas de produção, tendo como integrados os médios e grandes proprietários.

Estes empreendimentos acabaram por desencadear a implantação de muitas outras indústrias em Rio Verde, proporcionando uma nova dinâmica econômica, colocando o município em destaque nacional na geração de empregos.

Ficou claro em depoimentos, do gerente da COMIGO e ligadas a diferentes segmentos do setor produtivo que há vagas para pessoas com qualificação, mesmo para atuarem na própria atividade agropecuária, pois o processo produtivo é todo baseado em equipamentos de alta tecnologia.

Constatou-se que, atualmente, o motivo de maior preocupação para os setores produtivos e também político de Rio Verde é em relação à entrada da cana-de-açúcar na região. A prefeitura municipal foi a primeira do país a criar leis visando ao zoneamento agrícola territorial de seu espaço rural em conjunto com a Associação Comercial na tentativa de frear o ímpeto dos usineiros de articularem um processo produtivo que leve os proprietários rurais a substituírem a produção de grãos pela produção de cana.

Apesar do posicionamento contrário de diversos setores locais, pode ser verificada a presença de uma usina no município, ainda que de pequeno porte. Segundo depoimentos de pessoas ligadas à cooperativa COMIGO, de produtores rurais e até mesmo os descendentes de americanos, com os quais se teve oportunidade de conversar, existe certa dúvida em relação à mudança para outra matriz produtiva, no caso a cana-de-açúcar.

Diferente de outras regiões, como a de Assis-SP, em que a produção de grãos, no caso a soja, cede espaço para a produção da cana-de-açúcar e a região de Jaboticabal-SP em que a área de produção da laranja recua e a área de produção de cana-de-açúcar se expande, a região do Sudoeste Goiano-GO não será facilmente dominada pela produção de cana-de-açúcar devido à estrutura montada pelo complexo agroindustrial e seus componentes que já se formaram em volta da produção de soja.

Mas como o capital possui suas maneiras e meandros para a cooptação dos produtores, somente o tempo será capaz de expressar a vontade dos agricultores em mudar de uma matriz agro-alimentar para uma matriz energética. Alguns produtores rurais arriscam análises em relação ao aumento ou redução da área de produção de grãos 2007/2008 e atribuem ao alto preço da soja no mercado internacional, apesar da desvalorização do dólar, como um dos fatores que pode contribuir para manutenção da área plantada e/ou incorporação da fronteira agrícola interna. Diante do exposto, a problematização sobre a substituição da matriz produtiva na região do Sudoeste Goiano e a possível disputa de territórios por complexos agroindustriais será alvo de futuras pesquisas.

## 5. REFERÊNCIAS

- DELGADO, Guilherme C. Capital e política agrária no Brasil: 1930-1980. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; SUZIGAN, Wilson (Org.). *História econômica do Brasil contemporâneo*. São Paulo: HUCITEC, 1997. P. 209-263.
- DELGADO, Guilherme da Costa. A questão agrária no Brasil, 1950 – 2003. In: *Questão agrária no Brasil: perspectiva histórica e configuração atual*. São Paulo: INCRA, 2005. P. 21-85
- FARINA, Elizabeth M. M.; LAZZARINI, Sergio G. A pequena produção e o agrobusiness, 1999, mimeo.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST: formação e territorialização*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- FRANÇA, Levy Rei de; FERNANDES FILHO, José Flores. A evolução da avicultura de corte em Goiás. In: PEREIRA, Sebastião Lázaro. *O agronegócio nas terras de Goiás*. Uberlândia: EDUFU, 2003. P. 175 – 211.
- GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e agricultura no Brasil: Política agrícola e modernização econômica brasileira, 1960 – 1980*. São Paulo: HUCITEC, p. 51–113, 1997.
- GONÇALVES, Claudécir. A cooperativa mista dos produtores rurais do sudoeste Goiano LTDA (COMIGO) e o desenvolvimento da região de Rio Verde – GO. In: PEREIRA, Sebastião Lazaro. *O agronegócio nas terras de Goiás*. Uberlândia: UDUFO, 2003. P. 213–250.
- GRAZIANO DA SILVA, José. Do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: GRAZIANO DA SILVA, José. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: UNICAMP/IE, 1996. P. 1-40.
- HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A atuação do Estado no processo de desenvolvimento brasileiro. In: MENEGUETTE JUNIOR, Messias; ALVES, Néri (Org.). *FCT 40 anos, perfil científico-educacional*. Presidente Prudente: UNESP/FCT, 1999. P. 21 - 41
- HESPANHOL. Antonio Nivaldo. A expansão da agricultura moderna em bases empresariais e a integração do Centro-Oeste ao mercado nacional. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, AGB, nº 22, 2000. P. 7-26.
- IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \_\_\_\_\_. *Censo Agropecuário – Paraná: 1995-1996*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.
- RATTNER, Henrique. Crescimento ou desenvolvimento? Crescimento para quem? *Revista Espaço Acadêmico*. Ano III, n. 27. ago, 2003. Acesso em 22 jan. 2004.
- <http://www.espacoacademico.com.br/027/27rattiner.htm>
- SCHNEIDER, João Elmo. O cooperativismo agrícola na dinâmica social do desenvolvimento periférico dependente: o caso brasileiro. In LOUREIRO, Maria Rita (org). *Cooperativas Agrícolas e capitalismo no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1981. P. 11–40.